

O homem que fez do futebol um show

JORNAL DO COMMERCIO
- Qual a expectativa que o sr. tem da Copa do Mundo no Brasil?

João Havelange - Será um sucesso, porque tem o apoio da Presidência da República, de sua excelência o ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva, da presidente Dilma Rousseff e de todos os governadores de cada cidade que foi escolhida como sede, e também os prefeitos. A Fifa demonstrou, com o sorteio que foi feito aqui no Rio, a sua capacidade de realizar, e também a sua capacidade de oferecer um valioso espetáculo, que será em 2014, com a Copa do Mundo.

O sr. está assim tão confiante?

- Tenho, sim, toda a certeza de que o nosso povo vai viver a felicidade, como dizem que ela existe. Será uma festa no ano de 2014, e como se não bastasse esse momento de tamanha alegria, teremos também, pelo nosso esforço, a joia que serão os Jogos Olímpicos de 2016, também em nosso país. Porque demonstramos ao mundo moderno, às duas grandes instituições internacionais, Fifa e Comitê Internacional Olímpico, a nossa capacidade, o nosso valor, e principalmente, o desejo de viver.

Como o senhor despontou tanto na Copa do Mundo de 1958?

- Aconteceu o seguinte: ao ser candidato para ser o presidente da Fifa, tive a boa ideia de convidar o Paulo Machado de Carvalho, na época dono da TVE e da Record, para ser o meu vice na Confederação Brasileira de Futebol. Já na Copa do Mundo de 1970, convidei o brigadeiro Jerônimo Bastos, um homem correto, que ajudou muito e fomos campeões. Mas, voltando ao passado, a alegria na conquista do tricampeonato ficou engasgada porque o Juscelino Kubitschek não participou da festa (na época a ditadura militar estava no auge)...

Hoje, bem diferente do passado, os jogadores de futebol pensam sempre no dinheiro, com contratos milionários...

- Se isso fosse problema, o basquete nos Estados Unidos já teria desaparecido.

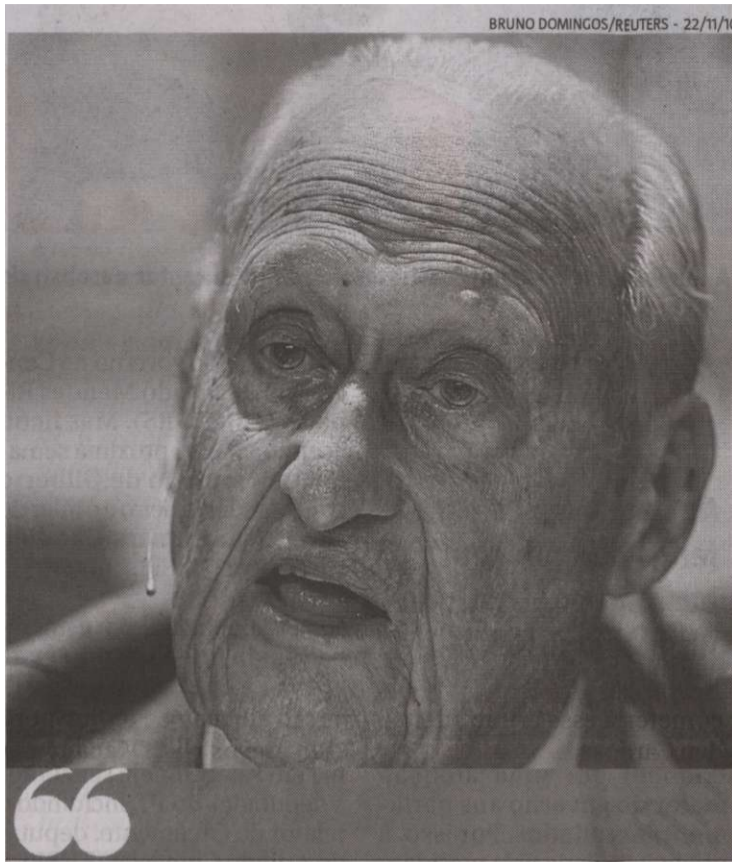
Um exemplo.

- Faz algum tempo o campeão de golfe, Tiger Woods, à época com 24 anos de idade, já tinha um patrimônio de US\$ 1 bilhão!...

Como o sr. ousou em se candidatar à presidência da Fifa?

- Realmente, foi uma ousadia para muita gente, quando consegui ser eleito, até porque eu não era homem de futebol. Quando eu fui eleito presidente da Fifa o caixa da instituição era de apenas US\$ 20 em caixa. A sede era um prédio velho... Ao deixar a presidência, deixei o caixa da Fifa com US\$ 4 bilhões.

O futebol apaixonou?



O jogador que entra hoje em campo só tem diante dele um desafio: se exibir para conseguir um bom contrato na Europa, para ganhar muito dinheiro. Só que, para se exibir na Seleção, prejudica outros 10."

- Quem se apaixonou começa a ter preocupações. Ou seja, se você se apaixonou por uma mulher bonita, faz tudo o que não deve. Mas não vai ser por causa disso que você vai deixar de ter paixão por sua mulher, seus filhos, netos e bisnetos, como já é o meu caso. Tudo isso tem um valor.

Por exemplo?

- O outro valor que eu guardo para mim, principalmente por ser brasileiro, é que na Europa eles nos olham de uma maneira diferente. Como dizem os franceses, somos do outro mundo.

Houve preconceito?

- Não, mas quando cheguei na Fifa, foi como se eu fosse para a Alemanha ser presidente de uma companhia em que não podia indicar um diretor ou um servidor... Por exemplo, o comitê executivo que me assessorava era eleito, e então eu tinha que me adaptar a ele ou ele a mim. Mas eu nunca quis indicar qualquer funcionário, para que não dissessem que era apadrinhado meu...

Houve restrição à sua condição de presidente da Fifa?

- Prefiro não usar a palavra restrição, mas admito que alguns não entenderam quando eu fui eleito, não sendo do futebol; só que eu não precisava entrar em campo, tinha mesmo era que administrar. Fiquei no cargo de presidente da Cometa (empresa de ônibus interestadual),

durante quase sete décadas e não precisei dirigir ônibus. Se os ônibus transportavam passageiros, não viajavam, ou se o pessoal tinha ou não condições, nisso podiam me avaliar, mas, se quisessem, podiam me criticar. A mesma coisa no futebol...

Como é a sua relação com o seu sucessor, o suíço Blatter?

- Antes de sair eu fui ao presidente da Confederação Suíça, monsieur Cotim, e falei o seguinte a ele: 'Estou me retirando e não sei como lhe agradecer por tudo o que recebi da Suíça. Não tenho nada a oferecer à Suíça, mas também não vou esquecê-la. Eu vou eleger o Blatter, que é suíço; irá ser o meu sucessor'.

Por que o sr. teve essa iniciativa?

- Eu quis mostrar que no Brasil existem pessoas que sabem administrar, que têm dignidade, respeito e vontade de realizar. Quando eu era presidente da Fifa havia 186 associações e eu visitei todas e nunca deixei de responder a uma carta, fosse ela boa ou maldosa.

Qual foi a maior influência na sua formação de empresário?

- Para começar, o meu pai morreu muito cedo, e um dia conversando com ele, o ouvi dizer o seguinte: "É possível que você venha a ser presidente da República?".

Mas o sr. não quis ser político...

- A independência hoje é a cultura que se pode absorver. Nos Estados Unidos, por exemplo, as universidades são abertas, todos têm uma possibilidade e todos os grandes homens dos Estados Unidos fazem doações para as universidades. Recordo-me que na Copa do Mundo de 1994 estava em São Francisco, no campus da universidade, e lá havia alqueires e mais alqueires de terra, todas doadas. Aqui, por exemplo, não se vê isso, apenas uma ou duas fazem nesse sentido.

Por que o Brasil não expandiu esse exemplo?

- As pessoas precisam ser preparadas também. Por exemplo, se a sua família, por uma questão ou outra, não tem capacidade ou condição, não insista. Ela entra com o que sabe, mas não vai conseguir se sentar na cadeira da Fifa. Todo mundo critica o cartola, mas se ele não existisse, acabariam os clubes; esta é a grande realidade...

O sr. concorda que os jogadores de hoje estão de olhos abertos para os contratos, de preferência no exterior?

- Realmente, o jogador que entra hoje em campo só tem diante dele um desafio: se exibir para conseguir um bom contrato na Europa, para ganhar muito dinheiro. Só que, para se exibir na Seleção, prejudica outros 10, porque sai do esquema, ou seja, está todo mundo correndo atrás de alguma coisa e não de um objetivo comum.

O futebol é o esporte mais importante do mundo?

- Na minha gestão, por exemplo, houve um estímulo, sim, ao ponto de o futebol ser o maior empregador do mundo!

Por exemplo?

- Na Copa de 1982, na Espanha, um país de 50 milhões de turistas por ano, mas que com a Copa do Mundo foram acrescidos mais 10%, se vê a força do futebol! Como nós jogamos em diversas regiões o sujeito que está longe e assiste pela televisão, fica com vontade de visitar o país.

Qual é o outro exemplo?

- A Copa do Mundo da França. Na época, 60 milhões de pessoas iam à França fazer turismo. E se cada uma dessas pessoas gastasse US\$ 1.000, seriam US\$ 60 bilhões!

A seleção brasileira, depois daquela performance frustrante na Argentina, não provocarecelos do que poderá acontecer em 2014?

- Temos dois anos e meio para trabalhar. Eu me lembro que na Copa de 1958, que foi a primeira que tivemos a glória de ganhar, na eliminatória que jogamos com o Peru, em 1957, em Uma, empatamos. E foi um resultado bastante preocupante. O jogo de retorno foi no Maracanã - Brasil 1x0. Fomos classificados, vitoriosos e aplaudidos pelo mundo todo.